

A poética da alteridade e a obra de Sérgio Kokis

Rita Olivieri-Godet
(Université Rennes 2 – France)

Personne ici ne t'aime vraiment, tu es trop différent de nous et tu resteras toujours un étranger. Tu n'es pas d'ici, tu es de nulle part.

Sergio Kokis, *La gare*, 2005 p. 201

A produção literária contemporânea, gerada num contexto multiétnico, plurilingüístico e multicultural de nossas sociedades urbanas atuais, inaugura novas linhas de força temáticas e formais. Meus trabalhos mais recentes refletem sobre uma “poética da alteridade” como uma das modalidades da ficção contemporânea brasileira, ainda que esta vertente não se constitua numa exclusividade nacional.

Utilizo o termo “poética” no sentido que lhe atribui Linda Hutcheon: uma estrutura teórica aberta, em mutação, que nos ajuda a organizar nosso pensamento crítico¹. Não se trata de procurar um invariante abstrato, uma regra ou uma lei, mas antes de refletir sobre signos formais, temáticos e estéticos, comuns a um conjunto de textos que participam da prática literária contemporânea e que tendem a exacerbar a confrontação com a alteridade. Os mecanismos especiais que eles acionam para dizer nosso tempo induz a uma espécie de arqueologia das culturas e da linguagem, abrindo-se a uma prática metadiscursiva que lhes permite fazer interagir criação, crítica literária e teoria da cultura.

Assim, as narrativas que exploram essa poética da alteridade procuram alargar o imaginário nacional para além de suas fronteiras, explorando uma geografia imaginária da diferença cultural. E, quando se restringem ao espaço nacional, o fazem para questionar o lugar que nele ocupa o “estrangeiro de dentro”, como é o caso da representação do índio enquanto instância de alteridade².

Neste trabalho, pretendo me deter num determinado tipo de produção literária que também toma a experiência da alteridade como ponto fulcral do seu processo de criação e que vem sendo denominada de escrita migrante. Para isso, partirei do romance

¹Linda Hutcheon, *Poética do Pós-Modernismo*, Rio de Janeiro, Imago, 1991, p. 32.

²A respeito, ver a obra de Janet M. Paterson, *Figures de l'Autre dans le roman québécois*, Québec, Editions Nota Bene, 2004.

Errances (1996), Sérgio Kokis (1944), escritor brasileiro naturalizado canadense desde 1975 e que vive há mais de trinta anos no Québec.

A obra de Sérgio Kokis coloca logo de partida o problema do pertencimento a uma determinada literatura nacional, o que nos obriga a repensar a idéia mesmo de uma literatura nacional no contexto de nossas sociedades atuais. Isso porque, as literaturas originadas da imigração geram uma nova configuração do espaço literário que ultrapassa os critérios de pertencimento geográfico tradicional e inauguram um espaço poético transnacional, explorando um simbolismo do pluri-pertencimento, às vezes até do não-pertencimento.

Pouco conhecido no Brasil, Kokis é um dos principais representantes da escrita migrante produzida pelos estrangeiros instalados no Québec que inauguram passagens entre universos culturais e lingüísticos diversos. Essas escritas da desterritorialização transformaram a paisagem literária quebequense ao introduzirem na literatura produzida no Québec, como observa Pierre Nepveu, múltiplos centros de referências identitárias³. Elas estão abertas ao cruzamento de culturas, inscrevendo-se no processo de transculturação contemporâneo que inaugura novas formas de percepção do real e de expressão artística.

Errances, publicado em 1996, assim como seu primeiro romance, *Le pavillon des miroirs* de 1994, traduzido no Brasil, são narrativas de travessia de fronteiras, tal qual as concebe Jean-François Côté, romances que “fazem surgir no contexto contemporâneo lugares que são ao mesmo tempo 'intranacionais' e 'transnacionais', religados uns aos outros, como se o lugar 'nacional' só pudesse existir e ter sentido em função dos dois outros”⁴. Em ambos os textos, Sérgio Kokis estabelece uma relação entre o ato criador e a viagem, a errância artística e o deslocamento do exilado, apontando para uma determinada concepção da criação artística que desenvolverá nos seus ensaios. Em *Le pavillon des miroirs*, o escritor coloca face a face dois universos culturais e lingüísticos, o do Brasil e o do Québec, assim como duas temporalidades: o passado da infância no Brasil recuperado pela memória do pintor adulto instalado no Québec. Em *Errances*, esse jogo de espelhos é ampliado e torna-se mais complexo, tendo em vista os múltiplos territórios intranacionais e transnacionais que aí são explorados: o Brasil e a Europa, mas também a Europa do Leste e do Oeste; o Brasil e a América Latina; o Brasil durante a ditadura militar e pós ditadura, quando do retorno do personagem exilado ao seu país. O

³Pierre Nepveu, « Ecritures migrantes » in *l'écologie du réel*, 1988, citado por Maria Bernadette Porto e Sônia Torres, « Literaturas migrantes » in Euridice Figueiredo (org) *Conceitos de literatura e cultura*, Rio de Janeiro:EDUFF/Editora UFJF, 2005, p. 225-260.

⁴COTE, Jean-François et TREMBLAY, Emmanuelle, *Le nouveau récit des frontières dans les Amériques*, Les Presses de L'Université Laval, 2005, p. 15.

personagem está sempre em movimento e o leitor é constantemente convidado a fazer a experiência do estrangeiro seguindo os múltiplos deslocamentos, geográficos e simbólicos, do poeta exilado.

Ser de nenhuma parte... Para Kokis, o artista seria antes de tudo aquele que recusa o enraizamento, aquele que não se contenta com um lugar tranquilo onde ficar⁵, um viajante, um aventureiro em constante deslocamento no tempo, no espaço, na linguagem. Sua obra e seus ensaios nos falam do ato criador enquanto ato de descentramento. Descentrar: deslocar o centro de. Assim, no ensaio *Les langages de la création*, o autor expõe sua concepção sobre o ato de criação que para ele seria um ato de descentramento inédito, de mudança de perspectiva e de rearrumação dos dados habituais de nossa percepção⁶. Na origem do ato criador, estaria um sentimento de perda de si mesmo. O artista seria assim um desenraizado, um nômade que não tem medo de partir e que não cessa de questionar nossa própria estranheza.

Kokis deseja viver essa aventura exploratória de maneira radical ao adotar uma língua estrangeira para realizar a experiência abissal da criação literária. A barreira lingüística seria na verdade para ele um fator positivo na medida em que ela o obriga a precisar suas idéias, “a se contar e a se encontrar para melhor se explicar”⁷. Para explorar os abismos da identidade do sujeito, o autor escolhe fazer da experiência da alteridade o ponto de partida do processo de criação de sua obra. Kokis não é um escritor bilíngüe, mas um escritor que escolheu escrever numa língua estrangeira que ele aprendeu na idade adulta. Antes de tudo, é na língua que a desterritorialização se realiza. A escolha de ser um escritor exilado na sua própria língua não é anódina; é, na verdade, uma diferença produtiva que lhe impõe um olhar distanciado na sua relação com o mundo, até mesmo quando esse mundo lhe é familiar, deslocando o espaço referencial representado (Québec, Brasil, Europa) e os imaginários que ele explora. Essa voz de nenhum lugar interroga as referências identitárias e culturais e inaugura no seio da linguagem literária “um espetáculo novo”, um território híbrido e imaginário onde o sujeito é confrontado à inacessibilidade do outro e à estranheza do eu. A imagem recorrente da viagem e do exílio na sua obra nos fala da necessidade rimbaudiana “de ser estrangeiro e de viver no estrangeiro” à qual Julia Kristeva faz alusão: para Kokis, “*l'écrivain est un autre*”, um tradutor, um ser transcultural.

⁵Sergio Kokis, *La gare*, Québec, XYZ éditeur, 2005, p. 85.

⁶ Sergio Kokis, *Les langages de la création*, Québec: Editions Nota bene, 2006 p. 19 (1ère édition Nuit Blanche, 1996), p. 19.

⁷Sergio Kokis, *ibid* p. 62.

O título do romance – *Errances* – é significativo da vontade de figurar a aventura da escrita pelo viés de travessias espaciais, temporais, culturais e identitárias. Escrita volátil, consciente de sua impotência para apreender o mundo, a não ser em momentos efêmeros, ela persegue o itinerário de uma identidade que se esquia. Nesse universo, tudo se encontra em constante mutação, como é possível observar através das máscaras identitárias que o personagem se fabrica e de seu comportamento instável, sempre em deslocamento físico ou imaginário, sempre de passagem.

Errances constrói espaços identitários heterogêneos para explorar as relações entre identidade e alteridade consubstanciais a uma poética da alteridade. A experiência da alteridade inaugura nesse romance uma dupla perspectiva entre o intra e o supranacional, cruzando olhares entre as culturas brasileira e estrangeira, multiplicando os lugares e os pontos de vista do olhar do sujeito. A consciência da estranheza do outro é aguçada graças à inscrição da figura do escritor exilado, o protagonista Boris Nikto, alter ego do artista. Obrigado a deixar o Brasil, seu país de origem, sua condição de estranho estrangeiro emerge nas deambulações entre o vivido, a memória e a escrita.

Boris, poeta exilado, persegue um itinerário de despojamento de si mesmo e de travessia de territórios que remete à condição de nômade do artista, tal qual a entende Sérgio Kokis, o que justifica a profusão de figuras do exílio trabalhadas no romance. Filho de imigrante eslavo, Boris Nikto, cujo nome em russo significa “nenhuma pessoa”⁸, torna-se poeta e exilado político, escreve numa língua estrangeira, fabrica narrativas sobre seu passado, adota máscaras e nomes diversos. Para construir seu personagem, Sérgio Kokis ficcionaliza elementos de sua própria biografia, dispõe de maneira intrincada ficção e realidade, o que torna ainda mais ambígua a identidade da voz autoral.

A primeira parte do romance coloca em cena Boris, poeta originário do Brasil, exilado na Alemanha do Leste, há uns vinte anos. Na Alemanha, sua fama de poeta se deve em grande parte à mistificação do exílio político, reforçada pelas histórias fabulosas que ele se diverte em inventar. Para o autor, é também a ocasião de abrir uma discussão sobre a literatura enquanto instituição. O caráter auto-referencial do texto interpela o estatuto do escritor e da literatura nas nossas sociedades atuais, critica a loquacidade inútil dos críticos e dos discursos universitários, traça enfim um perfil severo sobre “a

⁸Sobre o significado do nome do personagem, ver Voichita-Maria Sasu, « Sergio Kokis, citoyen du monde » in Klaus-Dieter Ertler, *Das Schreiben in der Migration: literatur und kulturelle Kontexte in der Romania*, Universität Kassel/Graz, 2004: « Boris, parce que son père avait des racines slaves, mais aussi pour donner son poids à Nikto qui, en russe, signifie « aucune personne ». Le nom de la nouvelle identité offerte par le colonel Policarpo est un (*sic*) traduction: Robert Nowan (l'ortographe ne faisant pas écran, Robert nous offre la grille de décodage, l'anglais: no one=nikto=aucune personne). »

impostura intelectual e artística”⁹.

O anúncio da anistia política apresenta-se como uma possibilidade de retorno ao país. A primeira parte do romance propõe ao leitor episódios da vida amorosa e literária do poeta brasileiro em terra de exílio, alternando com imagens do país de origem reconstituídas pela memória; um segundo plano situa a ação no Brasil, uns vinte anos antes, para evocar o passado do jovem tenente, militante comunista, que se revoltou contra o golpe de estado militar de 1964. Podemos ler aí o périplo de sua fuga pelo interior do Brasil, atravessando o pantanal mato-grossense em direção de outros países da América Latina, primeiramente a Bolívia, em seguida o Peru, onde ele embarca para a Europa. A segunda parte, que se inicia no capítulo 14 com a viagem de avião de Boris de retorno ao Brasil, situa a ação no presente, no Rio de Janeiro. Essa limitação espacial e temporal contrasta fortemente com a primeira parte e está sintonizada com a sensação de aprisionamento e de estranhamento do exilado que volta ao país 20 anos depois e se questiona sobre a relação que o liga a esse território. O abismo entre a fantasia da volta, nutrida pela memória de um passado idealizado, e a realidade que se oferece aos seus olhos e que ele observa com um olhar distanciado, diz muito da angústia crescente do personagem:

[...] Lorsqu'on vit loin du pays, la mémoire joue de drôles de tours. Des choses sans importance ou des choses auxquelles on était jusqu'alors indifférent prennent des significations inattendues; elles reviennent enrobées dans une sorte de vague à l'âme et on est pris au dépourvu, comme si on était devenu un petit enfant. [...] Tu vois, les souvenirs de ce pays me sont devenus tellement précieux durant l'exil, que je les ai embellis au point de créer un endroit idéal... C'était presque délirant¹⁰.

A nostalgia do país de origem é uma armadilha da memória afetiva que captura o sujeito num passado imóvel que lhe dá segurança. O romance põe em questão a representação identitária estável. Assim, as pessoas e os espaços identitários mais familiares a Boris terminam por lhe parecer estrangeiros: “*Je me sentirais toujours comme immigrant, comme l'a été mon père*”¹¹. A impossibilidade de ligação a um único território é destacada desde o início pela herança da condição de imigrante do pai que o coloca em relação com múltiplos referentes identitários. De volta ao Brasil, Boris recusa estabelecer-se na cidade do Rio de Janeiro onde ele só vê miséria extrema e violência. Contrastando

⁹Lucie Lequin comenta a impostura do mundo intelectual e artístico no artigo « Le mensonge et la vie », *Voix et Images* / 65, p. 393-396.

¹⁰Sergio Kokis, *Errances*, Montréal: XYZ éditeur, 1996, p. 391.

¹¹Sergio Kokis, *op. cit.* p. 325.

com as condições miseráveis de sobrevivência da população, o romance projeta a indiferença cínica, a leviandade e a hipocrisia das elites intelectuais e econômicas do país. A ficção dá lugar a uma representação exuberante e grotesca da cidade: a pobreza, a violência, o sexo, tudo nesse universo é excessivo - exuberância de cores, demasiado barulho, excessiva realidade. O ambiente da cidade lhe parece pesado e sórdido e ele compara seu desenvolvimento caótico a uma infecção necrótica. Observa-se, por conseguinte, que o texto romanesco serve-se amplamente de imagens expressionistas para construir uma representação excessiva da realidade brasileira. Boris, que queria afastar-se de sua vida artificial de exilado, não suporta a atmosfera asfixiante da cidade: muita vida mata a vida. Contrastando com a assepsia européia, com a paisagem desoladora do campo socialista e com a ordem burocrática e rígida dos Países do Leste, o simbolismo do espaço explora a percepção sensorial para elaborar uma visão extremamente negativa da cidade e fazer emergir um lugar sufocante e repulsivo. Boris se sente sempre deslocado, indiferente a qualquer sentimento de pertencimento a um território específico.

Errances se distancia do modelo da escrita étnica que procura promover o espaço nacional como fonte de uma identidade plena e tranquilizadora. Em vez disso, procura inverter o olhar etnográfico, propondo um olhar distanciado do núcleo identitário que acentua o afastamento do sujeito em relação ao espaço familiar da nação. As representações imaginárias da espacialidade fundamentam-se numa hipertrofia de aspectos estranhos. Boris compreenderá enfim a necessidade de se liberar do sentimento de culpabilidade pelo fato de não se reconhecer num espaço destruidor de sonhos, permitindo-se afastar de suas origens para ficar a deriva:

Tu vois, Boris, il n'y a pas de honte à se sentir étranger dans son propre pays... En fin de compte, c'est quoi une patrie, sinon l'endroit où on est libre de rêver et de découvrir sa nature...¹².

Não existe porto para esse estrangeiro que não se satisfaz com a vida como ela é. Sua natureza vagabunda triunfará e ele decidirá partir a bordo de um navio cujo nome, Konrad Korzeniowski, o verdadeiro nome de Joseph Conrad, é uma homenagem a esse escritor de travessias perigosas, marinheiro apaixonado por aventuras com o qual o poeta exilado se identifica. O romance termina com essa cena que transporta Boris “cidadão do mundo” para “o outro lado da barreira”, para outras viagens. A referência a Joseph Conrad, imigrante como o poeta, escritor de origem polonesa exilado na Inglaterra, reforça a imagem do artista como um transcultural, um desenraizado.

¹²*Errances*, p. 325.

No seu ensaio *Les langages de la création*, Kokis destaca o fato de Conrad ter-se tornado um grande romancista inglês sem jamais ter conseguido falar perfeitamente a língua inglesa. A condição de estranhamento na linguagem é, segundo ele, fundamental para fundar a condição de excentricidade do escritor que lhe permite romper com a estereotipia. A viagem – espacial, temporal, ilusória – ocupa o imaginário do escritor e dá lugar a uma representação estética que problematiza a construção identitária do sujeito ao tempo em que revela as implicações das relações interculturais e das “temporalidades heterogêneas do presente”¹³. Das possíveis posturas de escrita assumidas pelos escritores contemporâneos no contexto das sociedades pluriculturais identificadas por Régine Robin, Sérgio Kokis corresponderia ao escritor transcultural, ou, mais precisamente, ao escritor em trânsito, como os títulos de alguns de seus romances anunciam (*Errances*, *La gare*). Da mesma forma que se afasta da postura étnica que transforma o escritor num representante de sua comunidade de origem, ele se nega a dissolver-se no imaginário do outro.

Na sua recusa de figurar o fim da viagem, o texto de *Errances* privilegia uma certa maneira de considerar a experiência do real, colocando em cena um personagem desenraizado, sempre pronto para descobrir novos caminhos de maneira à “guardar o fluxo das existências em errância”¹⁴. O espaço literário surge então como um espaço de aventura que torna possível o enredamento das experiências empíricas e imaginárias. A busca identitária do sujeito prossegue em torno dessa tensão entre o real e o fictício - o vivido, a memória e a narração do vivido se entrelaçam:

Etaient-ce des mensonges ou de la pure fiction? Se demandait ensuite Boris en cherchant à mieux comprendre ce passé qui par moments paraissait ne jamais avoir existé.¹⁵

Ses récits aidant, il commençait presque à croire à ce personnage qui lui collait à la peau, le trouvant même sympathique et plein de possibilités.¹⁶

O texto romanesco explora essa tensão entre o real e o fictício para exhibir as contradições da construção identitária do sujeito e explorar as relações entre alteridade e estranhamento. Máscara ou verdadeira face, segredo ou revelação, dizer *eu* é um ato de construção de um ser que se quer representar a si mesmo e aos outros. Sua vida

¹³Josefina Ludmer, « Territorios del presente », citada por Raul Antelo, « Os confins como reconfiguração das fronteiras », *Revista de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro: Abralic, n.8, 2006, ABRALIC p. 80.

¹⁴Sérgio Kokis, *La gare*, Montréal:XYZ éditeur, 2005, p. 205.

¹⁵*Errances*, p. 119.

¹⁶*Errances*, p. 128.

transformada em objeto de ficção permite-lhe ser ele mesmo e um outro, um mediador capaz de atravessar fronteiras, ir além dos limites, um ator: “Je crois que l'acteur est le véritable paradigme de tous les artistes” (p. 209), dirá Boris ao seu amigo pintor, ao longo do capítulo 10, que reflete sobre o ato de criação, sondando o enigma do sujeito e de sua relação com o mundo. E ele acrescentará:

Il vous faudra donc apprendre à considérer que le masque, le maquillage et les déguisements font partie intégrante du métier d'artiste. Le public est trop peu sensible pour percevoir la souffrance, la beauté ou tout autre passion lorsqu'elles se présentent dénudées. C'est pour cela que les gens vont au théâtre: pour apprendre à voir en récit ce qu'ils côtoient quotidiennement sans cependant le distinguer.

A expressão artística seria uma espécie de simulacro revelador, uma forma de romper com a estereotipia. Kokis adere à idéia da criação artística como ato de descentramento, de ruptura com a forma de percepção habitual. O artista semeia a incerteza e convida à viagem. Como bem observou Zilá Bernd, dos dois mitos associados à deambulação, o de Ulisses, para quem é a viagem de retorno que conta, e o de Jasão, para quem a partida é que é importante, Kokis escolhe o segundo. Das duas figuras arcaicas de narradores às quais Walter Benjamin faz alusão, Kokis privilegia a do narrador migrante: “Quem viaja tem muito o quê contar”¹⁷. Sendo assim, o artista se distancia do mito de permanência que funda as narrativas da territorialização e abre-se à exploração de territórios múltiplos, à aventura da escrita: “*Seule la nostalgie des choses qui n'ont jamais été est source de création*” [“Somente a nostalgia das coisas que nunca existiram é fonte de criação”], (p. 325).

¹⁷. BENJAMIM, Walter, «O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov», *Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas* volume I, São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.

BIBLIOGRAFIA

- . AFFERGAN, Francis, *Critiques anthropologiques*, Paris: Presses de la Fondation Nationale des sciences politiques, 1991.
- . BENJAMIM, Walter, « O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov », *Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas volume I*, São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.
- . BERND, Zila, « A dupla face da viagem: a reencenação dos mitos de Ulisses e Jasão na literatura das Américas », PORTO, Maria Bernadete (org.) *Identidades em trânsito*, Niterói: EDUFF/ABECAN, 2004, p. 97-110.
- . COTE, Jean-François et TREMBLAY, Emmanuelle (sous la direction de), *Le nouveau récit des frontières dans les Amériques*, Québec: Les Presses de L'Université Laval, 2005.
- . DE SOUSA, Renato Venâncio Henriques, « A escrita migrante de Sergio Kokis », page internet.
- . FIGUEIREDO, Eurídice, « Paisagens brasileiras na literatura do Québec », in, PORTO, Maria Bernadette (org.), *Fronteiras, passagens e paisagens na literatura canadense*, Niterói: EDUFF/ABECAN, 2000, p. 81-103.
- . GODET, Rita Olivieri, « Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa brasileira contemporânea », *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, 2007 (à paraître).
- . GODET, Rita Olivieri « La poétique de l'altérité et la représentation de l'Amérindien dans la fiction des Amériques », Actes du Colloque sur *La fiction romanesque actuelle dans les pays de langues romanes et la problématique identitaire*, Université Rennes 2 (à paraître).
- . HUTCHEON, Linda, *Poética do pós-modernismo*, Rio de Janeiro: Imago editora, 1991.
- . KOKIS, Sergio, *Les langages de la création*, Québec: Editions Nota Bene, 2006 (1ère édition Nuit Blanche, 1996).
- . KOKIS, Sergio, *Errances*, Montréal: XYZ éditeur, 1996.
- . KOKIS, Sergio, *La gare*, Montréal: XYZ éditeur, 2005.
- . KRISTEVA, Julia, *Etrangers à nous-mêmes*, Paris: Folio/essais, 1998.
- . LEQUIN, Lucie, « Le mensonge et la vie », *Voix et Images* / 65, p. 393-396.
- . MOURA, Jean-Marc, *Exotisme et lettres francophones*, Paris: PUF, 2003.
- . PATERSON, Janet M., *Figures de l'Autre dans le roman québécois*, Québec, Editions Nota Bene, 2004.
- . PORTO, Maria Bernadette (org.) « Pátrias imaginárias nas poéticas das migrações », *Identidades em trânsito*, Niterói: EDUFF/ABECAN, 2004, p. 71-96.
- . PORTO, Maria Bernadette Porto e Sonia Torres, « Literaturas migrantes » in FIGUEIREDO Euridice (org.) *Conceitos de literatura e cultura*, Rio de Janeiro: EDUFF / Editora UFJF, 2005, p. 225-260.
- . SASU, Voichita-Maria, « Sergio Kokis, 'citoyen du monde' », in ERTLER, Klaus-Dieter, *Das Schreiben in der Migration: literatur und kulturelle Kontexte in der Romania*, Universität Kassel/Graz, 2004.